

Julho 1956

41



ESTILO, ROMANCE, AUTOBIOGRAFIA

EVARISTO DE MORAES FILHO

NUM pequeno livro publicado em 1927, "Reflexions sur l'art du roman", escreve Henri Massis que já passou a época em que da simples beleza de estilo, do jogo de idéias ou da virtuosidade da forma podia tirar-se uma obra de arte. E é bem verdade. Depois da primeira grande conflagração mundial, pelo impacto emocional que provocou, pela miséria e dor que espalhou por toda parte, é preciso mais alguma coisa na contextura de uma obra, mesmo de ficção. Para que um romance seja atual é preciso que seja humano e tenha a presença sã de uma experiência viva. Só encontram eco em nós os romances que nos são contemporâneos, a tal ponto que seus personagens nos sejam semelhantes, e que já nos acostumamos a ver tais quais eles são, sem que nada de real esteja ausente ou escondido.

Por isso mesmo podem os escritores ser divididos em artistas e romancistas quanto ao estilo. O estilo literário é mais artifício, é uma língua que se escreve mas que não se fala; ao passo que o estilo do romance é simples, natural, espontâneo, cujas principais virtudes são a clareza e a inteligibilidade. Quer comunicar, quer fazer-se entender, de maneira direta e sem atavios.

E isto por uma razão óbvia: o verdadeiro romancista tira seus tipos da vida real, e não da sua pura fantasia. Se não reais, são pelo menos verossímeis, podem ser reais, admitidos como pessoas que, se não existiram, poderiam ter existido ou poderão vir a existir. E gente desta espécie fala linguagem humana, comunicativa, sem que seja necessário andar-se com um dicionário de bolso para perguntar o preço de uma mercadoria ou indagar de alguém como vai de saúde...

Na apresentação dos personagens, como que se ausenta o romancista, fugindo para a sombra, fazendo-se discreto, para não perturbá-los. O seu mundo humano como que se apresenta por si, embora sob o olhar vigilante do seu coordenador. O artista, ao contrário, condiciona a sua criação literária à noção de estilo, de arte, de beleza literária. As relações do romancista com seus personagens devem ser de vida, é preciso que ele se confunda ombro a ombro com os seres humanos que povoam o seu romance. Não basta um simples contato de superfície, de observação, à distância, como quem pega insetos com um estilete para exame ao microscópio. É preciso que sinta pelos personagens algum sentimento sincero, de amor ou de ódio, pouco importa, desde que seja profundo.

Romance pede multiplicidade de vida, daí o perigo da autobiografia para a ficção. Nada mais falso e mentiroso do que a autobiografia. Toda sua falsidade pode ser resumida nestas palavras de Marcel Proust, cuja obra também é de natureza autobiográfica, a um tempo realista e subjetiva: "Se as palavras são escolhidas pelo nosso pensamento não segundo as afinidades de sua essência, mas por nosso desejo de nos pintar, elas representam este desejo, não nos representam de maneira alguma". A verdade é que um romance pode ser autobiográfico, mas nem toda autobiografia é um romance. Ao contar sua própria vida, o autor conta somente o lado consciente, aquele que ele sabe ou a que assistiu. Falta todo o resto, a multiplicidade de vidas que ele não conheceu, mas que existe realmente. É preciso criar esses tipos representativos de outras vidas e de outros mundos.

Mesmo ao falar de si próprio, é muito difícil ao escritor colocar-se fora do que escreve, fazer-se objetivo, como quem constrói uma teoria científica. Só depois de passada a emoção e cessados os sentimentos que cercaram uma ocorrência qualquer da sua vida, e que o romancista está em condições de criar o seu

romance. É ainda Mor... quem diz bem dessa necessidade de humildade do artista em face da vida: "O assunto do romancista, a visão do poeta se impõem a ele de modo quase necessário, exterior, por assim dizer, a seu pensamento. É submetendo seu espírito a realizar esta visão, a aproximar-se desta verdade que o artista "se torna ele próprio".

E o estilo, como não podia deixar de ser, reflete esta concepção do mundo e da vida, tornando-se menos-rebuscado, mais dúctil, mais vivo e espontâneo nos verdadeiros romancistas, naqueles que já vêm de volta de um mundo humano e não de simples aparência numa lente ou na sombra de uma caverna.